

FMI elogia plano mas duvida que déficit caia

E volta a destacar exigência para que Brasil faça acordo antes de negociar com os credores

Washington — O programa econômico brasileiro parece bom, afirmou ontem, textualmente, o diretor executivo do Fundo Monetário Internacional, o francês Michel Camdessus. Ele declarou-se favorável à estratégia geral do Brasil para superar as suas dificuldades econômica. Entretanto, há sempre uma peninha para atraparalhar: o FMI manifestou dúvidas sobre as possibilidades de que o Brasil consiga mesmo cortar seu déficit fiscal. E isso, dentro das fórmulas do FMI, é de fundamental importância. Camdessus manifestou também a intenção de ver o Brasil negociar com o Fundo antes de ir aos bancos.

Estou de acordo com a estratégia geral do Brasil, disse Camdessus durante seu encontro com o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser na sede do FMI.

Segundo o porta-voz de Bresser Pereira, Francisco Baker, num clima favorável ao plano brasileiro, Camdessus e uma equipe técnica do FMI fizeram numerosas perguntas sobre o financiamento externo do Brasil, particularmente por parte dos bancos comerciais, as taxas de juros brasileiras e sua relação com o déficit público, as expectativas de exportação e superávit comercial, o crescimento geral da economia e a relação de sua taxa com a do crescimento das exportações.

O ministro garantiu a Camdessus que o plano econômico que expôs tem o apoio do Congresso brasileiro e do presidente José Sarney.

Ante a observação dos funcionários do FMI de que a taxa de crescimento das exportações brasileiras parecia inferior à que seria de esperar-se diante do crescimento previsto da economia como um todo, Bresser Pereira ponderou que o Brasil não tem o controle de seus mercados externos — Estados Unidos, Japão e outros países — e que preferia que suas estimativas fossem conservadoras.

O ministro da Fazenda afirmou ainda que as metas do Brasil são três, por ordem de importância: crescimento econômico, superávit do comércio exterior e redução do déficit público.

O ministro Bresser Pereira insistiu em que o déficit público brasileiro não é uma decorrência de má administração, mas sim de natureza estrutural, já que o Estado tem a seu cargo grandes investimentos em transportes, comunicações, petróleo e energia.

O ministro Bresser Pereira qualificou as reuniões com Camdessus e Baker como “muito boas” e observou que durante os encontros expôs os delineamentos gerais da política econômica brasileira e a estratégia que adotou para a renegociação da dívida externa.

O ministro esteve reunido durante 90 minutos com o diretor do FMI e assinalou, no final, que o Fundo elogiou o programa e não se opõe a que o Brasil renegocie sua dívida com os bancos comerciais antes de negociar um acordo com o Fundo. O Brasil não descarta a possibilidade de um futuro acordo com o FMI mas Bresser — sempre acompanhado pelo embaixador Márcilio Moreira e pelo ex-chanceler Saraiva Guerreiro sustentou que a renegociação com os bancos privados deve preceder esse acordo e estar desvinculado dele.



O presidente do Federal Reserve, Volcker, com Milliet e Bresser: reservas à negociação